

## RAÇA, ETNIA E MULTICULTURALISMO: TECNOLOGIA E DEBATE COMO MEIOS DE ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA REDE PÚBLICA E O USO DE COLAGENS NA DIVULGAÇÃO DA LUTA CONTRA O RACISMO

*Race, ethnicity and multiculturalism: technology and debate as a means objects for teaching ethnic-racial relations in the public school system and the use of collages to publicize the fight against racism*

*Raza, etnia y multiculturalismo: la tecnología y el debate como medios para la enseñanza de las relaciones étnico-raciales en las escuelas públicas y el uso de collages para divulgar la lucha contra el racismo*

Bruno Viturino dos Santos<sup>1</sup>  
Éwerton Clécio Viturino dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** O ensino das relações étnico-raciais frequentemente encontra adversidades nas suas abordagens em sala de aula, em consequência da defasagem da docência acerca do tema ou pelo currículo de ensino proposto pelas instituições públicas de ensino no Brasil. Visto que o tema está atrelado ao cotidiano de estudantes negros/as, na qual essa parcela é maioria nas instituições de ensino público fundamental e médio, o presente trabalho trata-se de um projeto com enfoque nas relações étnico-raciais que utilizou de oficinas a partir de um olhar da antropologia digital, na qual foram incorporadas ferramentas digitais como a colagem para a realização de aulas no ensino médio com turmas da rede pública de Pernambuco, na escola Técnica Estadual Lucilo Ávila Pessoa, localizada na cidade de Recife.

**Palavras-chave:** Educação. Tecnologia. Antropologia Digital. Raça. Colagem.

**Abstract:** The teaching of ethnic-racial relations has often encountered adversities in its approach in the classroom, often as a result of teachers' lack of knowledge on the subject or the teaching curriculum proposed by public educational institutions in Brazil. Given that the topic is linked to the daily lives of black folks students, who are the majority in public primary and secondary schools, this work is a project focusing on ethnic-racial relations that used workshops from a digital anthropology perspective, incorporating digital tools such as

<sup>1</sup>Graduando em Ciências Sociais. UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: Bruno.viturino@ufpe.br; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1999600141153799>; Orcid id: <https://orcid.org/0009-0005-0336-5472>

<sup>2</sup>Doutorando em Sociologia. UFPB (Universidade Federal da Paraíba), João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: ewertonsantosri@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3581675614346274>; Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-0292-3733>.

collage to teach high school classes in the public school system of Pernambuco, at the Lucilo Ávila Pessoa State Technical School, located in the city of Recife.

**Keywords:** Education. Technology. Digital Anthropology. Race. Collage.

**Resumen:** La enseñanza de las relaciones étnico-raciales a menudo ha encontrado adversidades en su abordaje en el aula, muchas veces como resultado de la falta de enseñanza sobre el tema o del currículo de enseñanza propuesto por las instituciones públicas de enseñanza en Brasil. Teniendo en cuenta que el tema está vinculado a la vida cotidiana de los estudiantes negros, la mayoría de los cuales están en escuelas públicas de primaria y secundaria, este trabajo es un proyecto centrado en las relaciones étnico-raciales que utilizó talleres desde una perspectiva de antropología digital, incorporando herramientas digitales como el collage para impartir clases de secundaria en el sistema público de enseñanza de Pernambuco, en la Escuela Técnica Estatal Lucilo Ávila Pessoa, ubicada en la ciudad de Recife.

**Palabras clave:** Educación. Tecnología. Antropología Digital. Raza. Collage.

## Introdução

O ensino das relações étnico-raciais a partir de uma perspectiva das Ciências Sociais se apresenta como parte fundamental para o entendimento da história do Brasil e do indivíduo negro frente aos problemas estruturais que a sociedade brasileira enfrenta na contemporaneidade, resultante de longos processos históricos e políticos, como o tema central que vai ser discutido ao longo deste texto, o racismo. Entretanto, apesar da base curricular através de leis como a 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tanto no ensino público quanto privado, se observa que na prática isso não acontece, ao menos da forma que deveria, visto que existe uma grande defasagem em desenvolver esse tema de forma mais aprofundada e que se aproxime do contexto social dos estudantes em sala de aula, em especial no ensino público que tem, em grande maioria, estudantes negros/as e não-brancos/as, de realidades periféricas na qual o racismo tende a tornar-se presente em seus cotidianos.

Diante desse contexto, o trabalho a ser apresentado é resultado das experiências do estágio supervisionado obrigatório da licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco e teve como principal objetivo analisar os meios de ensino possíveis de inserir a discussão sobre as relações étnico-raciais na educação pública, especificamente no ensino médio, marcado por um público adolescente de maioria negra que está em constante mudança, na busca por afirmação e compreensão da sua identidade. Sobre tais aspectos, visualizamos o debate sobre o racismo numa perspectiva de experiências individuais em

relação à um problema que é coletivo e afeta os indivíduos, em dimensões objetivas e subjetivas, de diferentes modos, ao passo que é operacionalizado de forma despercebida dentro de uma sociedade que naturaliza e retifica o discurso racista.

Essa realidade pode estar presente não somente fora do contexto educacional, mas como na própria instituição escolar, motivo pelo qual o público da pesquisa contempla os estudantes do segundo ano do ensino médio da Escola Técnica Estadual Lucilo Ávila Pessoa. Dito isso, tem como horizonte combater o problema do desinteresse no ensino e aprendizagem das questões étnico-raciais, desinteresse esse que pode consequentemente abrir espaço para reprodução das desigualdades de raça e classe, se fazendo necessário estimular um debate antirracista, utilizando da tecnologia e os meios de ensino alternativos apresentados pelo seu uso, como o uso da colagem, ferramenta crítica de aprendizagem que abre oportunidades para a criatividade dos discentes na construção de materiais que podem ser divulgados pelas redes sociais da escola e em volta do próprio ambiente escolar.

Portanto, o desenho metodológico do presente trabalho é de caráter qualitativo, descritivo e conta com a pesquisa de campo e a etnografia-participante na qual todos os dados em relação ao uso das plataformas digitais pelos estudantes foram coletados. A etnografia realizada na escola ETE Lucilo Ávila Pessoa, teve como base as obras de Angrosino que a partir de sua perspectiva, analisa o trabalho etnográfico como: “uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades. O modo de vida peculiar que caracteriza um grupo é entendido como sua cultura” (ANGROSINO, 2009, p. 30). Além do uso da autoetnografia, caracteriza por Carolyn Ellis como “um método que pode ser usado na investigação e na escrita, já que tem como proposta descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural” (ELLIS *apud* SANTOS, 2017, p. 220). A partir da aplicação dessas metodologias, foi possível abrir possibilidades para ferramentas ativas de ensino-aprendizagem em uma instituição brasileira de ensino baseada nos resultados da coleta de dados originada da relação entre pesquisador-campo e dos sujeitos que o vivenciaram.

No primeiro momento, o presente trabalho busca elucidar como opera a questão sobre relações étnico-raciais no ambiente escolar, onde destaca seu formato e questiona sua efetividade, compreendendo os desafios e tecendo críticas pertinentes que abrem lacunas aos quais buscamos nos localizar e contribuir para o avanço do debate. Para tanto, abrange

fenômenos sobre a construção da identidade do negro na sociedade brasileira e expõe como a problemática do racismo torna difícil e complexo no que tange à sua denúncia, exposição e conscientização na estrutura educacional, ao mesmo tempo que contextualiza com o caso da realidade sócio-histórica, cultural e política do Brasil.

No segundo, introduz o conceito de Antropologia Digital, que norteia a aplicação de ferramentas de conscientização no campo, e enfatiza, portanto, o uso da tecnologia como aliada na causa antirracista e principalmente, como ela pode contribuir para as abordagens dos docentes em sala de aula ao tratar de temas em torno das relações étnico-raciais.

No terceiro, por sua vez, descreve como o objetivo foi planejado para ser aplicado no campo e o perfil dos indivíduos envolvidos, seus procedimentos e os resultados em sala de aula, na referida escola escolhida. Por fim, se considera que para além da informação, a tecnologia, por meio do audiovisual, desempenha uma função de grande impacto no espaço escolar e facilita a conscientização, o empoderamento e a luta ativa em torno do engajamento contra o racismo.

### **As relações étnico-raciais no ambiente escolar**

Desenvolver o tema das relações étnico-raciais dentro da sala de aula numa instituição pública com público majoritariamente negro no Brasil, envolve lidar com a história de construção da identidade brasileira, suas estruturas sociais, políticas e, principalmente, com os indivíduos que se encontram afetados pela discriminação racial e as desigualdades advindas desse fenômeno. O grande desafio encontrado pela docência é aproximar o tema da realidade social do estudante, visto que a ideia de naturalização do racismo é consequência de um longo processo de embranquecimento da população brasileira, que por séculos foi uma colônia escravagista e cresceu pelo “sangue negro”, deixando resquícios no psicológico do/a negro/a colonizado/a. Diante da violência racial, podemos sintetizar um comportamento ao qual, o psiquiatra Frantz Fanon afirma que o “negro quer ser branco, o branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (FANON, 2008, p. 27). Vale ressaltar uma passagem da jornalista Mônica Santana, que utiliza da perspectiva de Fanon para fazer uma reflexão onde:

o psicanalista Frantz Fanon aborda a questão da incorporação pelos negros dos traços brancos, culturais, sociais e de pensamento para poder existir, resistir e transitar. O negro, nascido nas ex-colônias, cresce num contexto em que tudo leva a um auto-ódio, a uma não aceitação de si — o autor fala sobre uma repugnância física, que emerge da formatação histórica de uma subjetividade do domínio (SANTANA *apud* FANON, 2017, p. 68).

Nesta perspectiva, lidar com o debate racial com adolescentes negros/as, é entender uma geração que ainda está no processo de aceitação da sua negritude, dentro de uma sociedade feita aos moldes da branquitude para atender suas necessidades e a reprodução de poder desse grupo. Para entender melhor esse pensamento sobre a branquitude e o debate racial, o sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, no seu texto *Patologia Social do Branco Brasileiro*, traz uma perspectiva sobre como o racismo é reproduzido no Brasil a partir da discussão sobre populações brancas que reproduzem e mantêm seus privilégios a base da opressão racial, levando em consideração que as relações raciais no Brasil por influência de Gilberto Freyre com seu conceito de “democracia racial” junto de outros autores eugenistas, criaram a falsa ideia de que o racismo não existia entre os brasileiros, mas que pelo contrário, existia harmonia e igualdade entre os povos, o que é contraditório, visto que o país apresenta um racismo institucionalizado, que se reflete nos diversos setores da sociedade, como por exemplo na economia, educação e saúde, sendo a comunidade negra a mais afetada pela a pobreza, que por sua vez, é gerada pela forte concentração de renda entre grupos ricos, compostos em sua maioria, por brancos. O antropólogo Kabengele Munanga, ao debater as relações étnico-raciais no Brasil, aponta um grave problema da sociedade brasileira, ao assumir o racismo como algo inexistente e tomar o discurso da democracia racial para si, segundo ele:

é incorreta a expressão “o preconceito contra negro no Brasil é um problema social e não racial”, pois todos os problemas da sociedade, incluído o preconceito racial, são problemas sociais. As pessoas querem dizer, está claro, que o preconceito racial no Brasil é provocado pela diferença de classe econômica e não pela crença na superioridade do branco e na inferioridade do negro. O que é a voz do mito da democracia racial brasileira, negando os fatos às vezes tão gritantes da discriminação racial no cotidiano do brasileiro (MUNANGA, 2010, p. 3).

Portanto, é viável pensar que o racismo no Brasil é feito de forma “velada” e institucionalizada, um projeto que tem como objetivo negar a conscientização da sua população acerca da discriminação racial, além de tirar a racialidade e a história afro-brasileira do indivíduo negro, o que acaba por afetar a vida dessas pessoas através das desigualdades advindas dessa mazela social, tornando-se vítimas de uma estrutura violenta que perpassa desde o sofrimento físico ao psíquico.

Levando em consideração todas as questões até aqui apresentadas, o trabalho realizado durante o processo de estágio na Escola Técnica Lucilo Ávila Pessoa buscou em

autores/as negros/as formas de dialogar com os estudantes e seus contextos sociais, adentrando também numa leitura freiriana da educação ser um ato político e de transformação social (FREIRE, 2001). Entretanto antes de adotar os métodos da pesquisa, foi realizado uma análise a partir de uma etnografia participante, onde foi possível analisar que as turmas do ensino médio apresentavam diferentes características, algumas mais engajadas em determinados aspectos que outras e com variadas formas de processos criativos de aprendizagem. Com a supervisão da professora de Sociologia da escola, foi possível realizar aulas acerca do tema, com liberdade para explorar tais processos.

Visto isso, o trabalho em sala de aula para desenvolver a temática das relações étnico-raciais, baseou-se nos objetivos de estimular a reflexão sobre o racismo na escola, através das experiências individuais de cada estudante, no intuito de gerar debates que pudessem contribuir posteriormente, de forma coletiva, a compreensão sobre as relações étnico-raciais, onde foi possível criar um plano de ensino baseado em autores e teorias que mudaram conforme os relatos que eram trazidos pelos os discentes, no intuito de aproximar o estudante ao tema e a partir da articulação de meios alternativos de ensino, possibilitar a participação de todos no processo final, qual seja, a produção das colagens com o horizonte de exercer a criatividade e reflexão dos discentes sobre a temática e ajudar na divulgação da luta antirracista para além do âmbito escolar.

### **Antropologia Digital: a inserção da tecnologia na rede pública de ensino**

Na era das tecnologias, o uso de ferramentas digitais se tornou inevitável para a docência, a possibilidade de utilizar recursos digitais para o planejamento de uma aula, permite aos professores/as transmitir seus conteúdos de forma mais direta, principalmente pelo audiovisual. Entretanto, a proposta desse projeto não foi analisar a tecnologia como objeto de ensino que garante certa praticidade ao docente, mas analisá-la como um meio de ensino e transformação social aliada a luta antirracista na vida dos “nativos digitais”, termo esse usado para jovens que nasceram na era das tecnologias e mídias digitais.

Neste contexto, pensar o ensino das relações étnico-raciais através da tecnologia como ferramenta de emancipação contra a discriminação racial dentro da pesquisa, tornou-se importante o conceito da Antropologia digital que tem como base a ideia da junção do digital, cultura e redes de sociabilidades e foi fundamental para guiar o plano de ensino e quais as ferramentas de tecnologia seriam mais adequadas para os estudantes da ETE Lúcido Avila

Pessoa. Para entender melhor o conceito da Antropologia digital, a professora Mônica Machado, especialista em comunicação e cultura, ressalta em seu artigo “A Teoria da Antropologia Digital nas Humanidades Digitais” (2018, p. 20-35) a importância desse conceito para a compreensão das relações socioculturais entre humanos e tecnologias e afirma que:

Em cada contexto cultural, as redes sociais têm sentidos fortemente locais. Assim, a antropologia nos ensina que os vínculos entre humanidades e culturas digitais salientam a alteridade, as diferenças e os modos de usos distintos que fazem da experiência digital um universo rico para análise e investigação (MACHADO, 2018, n.p).

Visto isso, trabalhar um plano de ensino onde a tecnologia é o principal elemento didático para o desenvolvimento de um tema, no caso desta pesquisa, as relações étnico-raciais, pensando na relação dos estudantes com as mídias sociais e a partir da noção desenvolvida no conceito de Antropologia Digital, na qual os usos desses meios tecnológicos, como as redes sociais, que são os principais meios de comunicação e informação da juventude atual, variam e recebem influências conforme a realidade social do usuário. Assim, vislumbrar o uso dessas tecnologias como meio de luta antirracista no projeto aqui apresentado só foi possível devido à construção em torno do debate entre os estudantes que fizeram parte da pesquisa ao falarem sobre seus contextos sociais, o uso das mídias digitais e o entendimento desses grupos sobre o impacto do racismo em suas vidas.

Vale ressaltar também a importância da Martina Klauser (2022) nesta pesquisa, a partir do seu método de análise através da Antropologia Digital, foi possível no contexto da pesquisa aqui apresentada, analisar o ecossistema dos estudantes e entender se existia uma visão dos mesmos sobre o antirracismo e das relações raciais. Essa metodologia que se reivindica mais aberta, promove uma ecologia da participação que descentraliza a plataforma digital e a localiza em uma política mais que digital, permitindo centrar-se sobre a agência dos usuários, territorializados, e em sua formação cultural e política.

Ao trabalhar dentro desta perspectiva com estudantes do ensino médio público do Brasil, podemos perceber o quanto o ambiente em que esses jovens estão inseridos podem ditar as figuras simbólicas, políticas, estéticas e socioculturais que são consumidas dentro da internet, perceber esse meio não apenas como meio de entretenimento e alienação, mas também analisar o potencial que as tecnologias e mídias sociais podem proporcionar para a

sociedade material, no sentido de transmitir e construir discursos que reivindicam a melhoria de grupos historicamente desfavorecidos, a tecnologia aliada à docência na construção de uma temática como o antirracismo, proporciona uma educação criativa que explora as vivências e perspectivas da vida cotidiano através da “lente” do estudante na qual o projeto aqui apresentado o coloca como protagonista da aula, ao produzir materiais audiovisuais como a colagem, uma técnica que será mais explorada ao longo do texto, permite esse estudante expressar o seu pensamento e sentimento em relação ao tema trabalhado que foge da padronização colocada pelo o ensino tradicional, advindo de uma educação industrial com sua mentalidade metodológica e imediatista. A partir do tipo de aula que foi proposta pelo projeto, existe a possibilidade de lidar com outros temas além de raça, a tecnologia aliada ao debate torna possível a interseccionalidade e a transdisciplinaridade, no sentido de poder trabalhar com outras temáticas como gênero e classe, além de conseguir dialogar com várias disciplinas.

### **Perfil dos estudantes da ETE Lucilo Ávila Pessoa: debatendo raça com “nativos digitais”**

Durante o processo de estágio no Lucilo Ávila, o trabalho em sala de aula para desenvolver a temática das relações étnico-raciais, baseou-se nos objetivos de estimular a reflexão sobre o racismo na escola, através das experiências individuais de cada estudante, no intuito de gerar debates que pudessem contribuir posteriormente, de forma coletiva, a compreensão sobre as relações étnico-raciais, onde foi possível criar um plano de ensino baseado em autores e teorias que mudaram conforme os relatos que eram trazidos pelos os discentes, no intuito de aproximar o estudante ao tema e, por fim, a partir da articulação de meios alternativos de ensino, possibilitar a participação de todos no processo final que foi a produção das colagens que tinha o intuito de exercer a criatividade, o uso da tecnologia disponibilizada pela a escola e proporcionar reflexões dos discentes sobre a temática, sobretudo ajudar na divulgação da luta antirracista para além do âmbito escolar.

A realização do trabalho se deu em dois momentos: no primeiro momento em sala de aula, houve uma roda de conversa com uma grande pergunta colocada em debate, o que é racismo?, dando início as discussões nas quais os estudantes foram possibilitados de falar abertamente sobre suas experiências enquanto não brancos e vivências em que foram vítimas de racismo ou brancos e não brancos que presenciaram ações racistas em seus cotidianos.



Dando continuidade, o segundo momento foi introduzido na sala de informática disponibilizada pela a escola, onde ocorreu uma atividade na qual os estudantes construíram produções visuais com o auxílio de ferramentas digitais como o Canva<sup>3</sup>, onde cada estudante elaborou uma colagem que abordava a luta contra o racismo e como ser antirracista, em seguida as colagens produzidas foram divulgadas pela escola e nas suas redes sociais. Vale mencionar também as referências utilizadas nesses debates que estavam relacionadas às vivências trazidas em sala de aula e sua contextualização. Nesse sentido, conforme os relatos realizados pelos estudantes, foi feita a utilização de autores como Kabengele Munanga (2008), Frantz Fanon (2008), Neusa Santos (2021) e Lélia Gonzalez (2018) que apresentaram obras importantes para a compreensão das relações raciais, especialmente no Brasil.

---

<sup>3</sup> Disponível em: [https://www.canva.com/pt\\_br/](https://www.canva.com/pt_br/) Acesso em: 03 nov. 2024.

**Figura 1** – Debate em sala de aula



Fonte: Bruno Viturino, 2023.

A imagem acima mostra o momento em que as aulas foram feitas em uma roda de debate, tendo como principal destaque o efeito que a pergunta “o que é racismo?” trouxe para os estudantes, levando-os a reflexão acerca do tema e a participação de cada um ao relatarem suas histórias nos seus contextos sociais e na própria escola como reprodutora do racismo. Entre os meninos, o debate girou em torno deles trazerem vivência da repressão policial em seus bairros, em que grande maioria da turma constituída por pretos e pardos, afirmaram vivenciarem abordagens pela polícia com a presença de amigos brancos que não foram abordados, mostrando um grave marcador de cor que a justiça possui ao condenar a população a esse tipo de situação constante na sociedade. Além do racismo no futebol, que

eles aparentavam estarem bem antenados, principalmente ao futebol internacional da Europa, onde constantemente brasileiros são vítimas de racismo, como no caso de Vinicius Junior, jogador do clube Real Madrid da Espanha. Ele tem marcado uma dura e solitária luta, visto a negligência das autoridades de justiça do futebol europeu, contra as ofensas racistas que são dirigidas durante partidas do seu time.

Enquanto isso, as meninas debateram acerca da padronização da beleza e dos afetos, onde muitas relataram sempre serem preteridas pelas meninas brancas nas suas relações amorosas e a grande dificuldade no processo de aceitação dos seus traços negroides e principalmente de seus cabelos vistos como “ruins”, mas que com o passar do tempo tiveram aceitação e orgulho sobre quem elas são e o significado dos seus traços e cabelo, entendendo que existe uma estrutura que padroniza o que é “belo” como tudo relacionado ao branco e sua mente colonizadora de desumanizar pessoas negras.

Vale ressaltar como grande referência para discutir tais questões em sala de aula, a psicanalista Neusa Santos e o seu livro tornar-se negro, onde foram trazidos nuances acerca da solidão da mulher negra e toda carga que essa expressão traz para além das questões de afeto e amor, além do “custo emocional da negação da própria cultura e do próprio corpo” que Neusa ressalta em seu livro que ajuda a refletir o sentimento do indivíduo negro em sociedade, colado em constante embate para manter sua afirmação enquanto gente e raça com sua própria identidade cultural e beleza.

**Figura 2** – Sala de informática



**Fonte:** Bruno Viturino, 2023.

### **Colagem: uma ferramenta da modernidade contra o racismo**

Hartmut Rosa (2020) é um sociólogo alemão e uma das figuras mais interessantes da atual crítica alemã. Responsável pela teoria da aceleração social que possui como referência chave a modernidade, ele analisa o indivíduo no mundo social, associando o sofrimento psíquico da contemporaneidade a “sintomas sociais” (PETERS, 2023, p.01) desencadeados pelo aumento na velocidade de nossos ritmos atuais de vida.

Neste sentido, falar de aceleração social envolve falar de tecnologia e mídias digitais, onde a comunicação tornou-se extremamente rápida para acompanhar o ritmo dos indivíduos em constante mudança, onde o esgotamento físico e mental está muito fortemente ligado ao conjunto da rotina diária que envolve lidar com trabalho, vida social, estudos, relacionamentos e outras inúmeras atividades que preenchem o cotidiano da população e quando se olha dentro dessa perspectiva de aceleração no contexto da juventude, percebe-se ainda mais esse ritmo acelerado, não apenas na vida material, como também na virtual.

A tecnologia como abordada no texto pode ser uma aliada e um meio de emancipação de causas importantes para a sociedade, entretanto deve se levar em consideração suas problemáticas, principalmente ao lidar com o ritmo que os jovens apresentam na atualidade, é possível compreender como o uso desse grupo das mídias sociais tornou-se um espelho de suas vidas reais, a internet vira uma fuga da realidade, providos de uma sociedade com altos níveis de cobranças para o indivíduo produzir, ser útil economicamente, agir conforme as normas sociais aceitáveis e pertencer a algum grupo que ajude na construção de sua identidade, além do dilema das redes sociais que hoje na era das tecnologias, representam um ponto crucial quando se fala em saúde mental, visto que principalmente entre os jovens, a necessidade por aceitação leva a construção de uma vida diferente no mundo virtual que não corresponde ao real, mas tem o objetivo de atingir e satisfazer, esperando por uma reação positiva, o seu público.

Diante disto, um dos pontos cruciais da pesquisa foi analisar: 1) como os jovens estão utilizando as mídias sociais; 2) quais são os conteúdos que esses jovens estão consumindo; 3) como eles se comunicam nas redes sociais. Todos esses dados foram coletados através de uma etnografia participante, durante um semestre letivo na qual foi possível acompanhar o 2º ano “A” da ETE Lucilo Avila Pessoa até a preparação da aula sobre relações étnico-raciais. Durante esse processo foi possível ver que a rede social mais usada para comunicação foi o *Whatsapp*, o *Tik Tok* usado por maior parte deles/as como entretenimento, e os meios de informação se davam por páginas de notícias e “fofocas” do Instagram, com a justificativa de entregarem um conteúdo mais visual e com pouca leitura, algo característico do imediatismo que acompanha a geração da tecnologia e se caracteriza como um dos elementos da teoria de aceleração social proposta por Hartmut Rosa (2020).

Pensando no imediatismo e na necessidade de conteúdos rápidos e práticos apresentados pelos estudantes que participaram do projeto, a ferramenta digital que teria maior capacidade de aproximação com o contexto de consumo das mídias sociais que eles/elas possuem – ao mesmo tempo em que tem um grande potencial de divulgação e inserção da criatividade desses estudantes – foi a colagem digital. Trata-se de uma ferramenta artística que cria uma composição a partir de outras imagens, texturas e materiais. Essa técnica é frequentemente usada pela publicidade por ter, em seu princípio, a valorização do visual e a transmissão de informações de forma extremamente direta, atraindo o público para, no caso da publicidade, comprar o produto em questão. Neste projeto, porém, a proposta da colagem tinha como objetivo realizar a conscientização racial da comunidade escolar, utilizando diversas composições para gerar impacto visual sobre o racismo e o que significa ser antirracista, na tentativa de possibilitar aos estudantes, exercerem o que foi trabalhado na primeira fase da aula realizada por esta pesquisa, que focou no debate sobre o que é racismo e quais foram as experiências que esse fenômeno foi percebido em seus cotidianos.

As colagens tiveram um significado muito simbólico para os estudantes, principalmente para aqueles pertencentes a comunidade negra e periférica, através de figuras que estão fortemente atreladas ao contexto sociocultural desses estudantes, foi possível dentro de uma só colagem transmitir vários sentimento em relação ao racismo e o impacto nas suas vidas, seja pela a falta de oportunidades advindas da desigualdade social consequência de um racismo estrutural que por muito foi naturalizado na vivência desses jovens ou pela a discriminação racial causadora de inúmeras violências, tanto físicas quanto psicológicas, as colagens apresentavam na sua estética uma forma de identificação a partir de figuras simbólicas que marcaram gerações pela a luta de exercer a negritude sem medo. Para melhor compreensão dessa ideia, a professora Mônica Machado em uma das passagens de seus artigos na qual:

Diversos jovens das comunidades fazem usos criativos para reafirmar a identidade do território associando discursos no Facebook que valorizam a cultura local: a musicalidade, as tradições religiosas, as experiências de sociabilidade, as reivindicações por direitos ao estudo, a voz, o entretenimento, a moradia digna. Assim, as redes sociais colaboram na construção de repertórios mais plurais das representações sociais das favelas. Todos esses exemplos reforçam a tese de que, em cada contexto cultural, as redes sociais têm sentidos fortemente locais (MACHADO, 2010, p. 20-35).

Visto isso, ao pensar a cidade do Recife e os lugares de onde os estudantes da ETE Lucilo Avila vieram, a representação das colagens fala muito sobre o olhar que cada comunidade da cidade reproduz, mesmo esses jovens partilhando de uma ideia universal na qual o racismo é real e precisa ser combatido, cada estudante possui suas próprias convicções atreladas ao seu contexto sociocultural, algo perceptível ao perceber as personalidades escolhidas para estarem nas colagens desses estudantes, que havia um forte identitarismo quando um estudante por exemplo escolhia um cantor de rap negro para falar das suas dores consequentes do racismo, ou de figuras políticas que apresentavam um forte discurso político que se aplicava a qualquer sociedade onde o racismo estivesse presente, como no caso do uso da figura de Martin Luther King, um dos maiores ativistas da causa negra do século XX, além das constantes figuras femininas presentes que tinha nos seus discursos, a valorização da cultura e beleza negra.

Outro ponto importante para a pesquisa, foi construir uma autocrítica em relação a própria escola, no caso o ETE Lucilo Avila Pessoa, com base nas perspectivas do sociólogo Pierre Bourdieu na qual ele trabalha com a noção de reprodução social, onde a instituição escola pode ser um meio de reproduções como a desigualdade, para ele as relações são conflituosas e assim capazes de moldar, reproduzir ou transformar a sociedade. Em relação a transformação social, a condição para ocorrer está dentro de um mesmo campo onde existem ideias que vão entrar em confronto, ou seja, aplicar um método de ensino que coloque tecnologia e debate como meios de ensino das relações étnico-raciais e possibilite o protagonismo do estudante entre em confronto com os meios de ensino tradicionais já estabelecidos

Na produção das colagens, que marcam a segunda parte do projeto, foi usado a sala de informática da escola que continha todos os computadores em boas condições, facilitando o trabalho de desenvolver as produções visuais. Todos se mostraram dispostos a fazerem e tiveram liberdade para criarem suas próprias colagens ou em conjunto, com diversos temas e imagens que envolviam a luta contra racismo. Isso resultou numa série de colagens criativas que abordaram desde o racismo no futebol com a representação de Vinicius Junior como maior expoente da luta antirracista no meio esportivo, até a morte da vereadora negra do Rio de Janeiro, Marielle Franco, que foi brutalmente assassinada pelo seu ativismo e luta por melhorias nas periferias.

Vale ressaltar também a inspiração em autores com os quais os estudantes tiveram contato por meio dos debates em sala de aula para a realização das colagens. Figuras do meio acadêmico, como Lélia Gonzalez e Neusa Santos, com suas vastas obras sobre o racismo, que estiveram presentes nas artes digitais dos estudantes, assim como personalidades do meio artístico como as cantoras negras Iza, Elza Soares e a atriz Taís Araújo. Além delas, destaca-se a jornalista Maria Júlia Coutinho, uma figura constante da TV aberta que foi vítima de racismo por telespectadores ao assumir o cargo de apresentadora do Jornal Nacional e que continua lutando por espaços em lugares que, por tanto tempo, foram renegados a pessoas negras.

Por fim, as influências do movimento negro estadunidense merecem destaque, visto que o racismo é uma causa global. Figuras como Martin Luther King são reverenciadas na luta antirracista em qualquer lugar onde a discriminação racial estiver presente, o que não é diferente das colagens produzidas pelo 2º do ensino médio do Lucilo Ávila, que também incorporaram a imagem e o discurso de Luther. As colagens, como resultado desse trabalho, demonstram a bagagem que esses estudantes possuem, com referências baseadas nos ambientes na qual foram socializados e as vivências dentro de uma estrutura racista. Para além das personalidades que foram inseridas ao longo do projeto em sala de aula, as representações das colagens trazem elementos da aprendizagem e conscientização racial que transcendem a escola. Isso se dá a partir do eco-tecno-simbolismo<sup>4</sup> dos estudantes, usuários de tecnologias digitais, que utilizam esses meios para diversas finalidades, incluindo a politização. Segue abaixo algumas dessas colagens descritas:

---

<sup>4</sup> Abordagem crítica em relação a interação entre tecnologia e a ecologia que produz diversos símbolos e significados em diferentes contextos socioculturais.



**Figura 3 – Colagem**



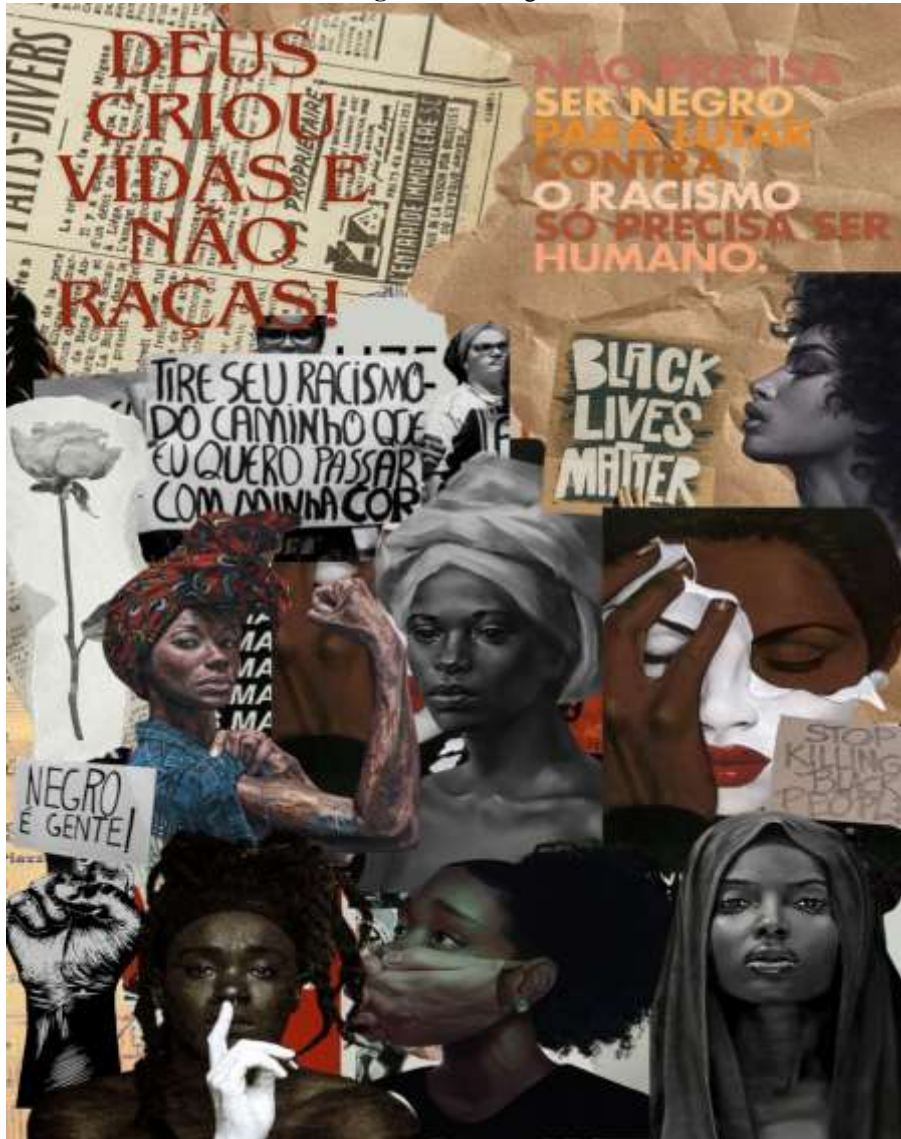
**Fonte:** Illana - 2º do ensino médio, 2023

Figura 4 – Colagem



Fonte: Joana Tavares - 2º do ensino médio, 2023

Figura 5 – Colagem



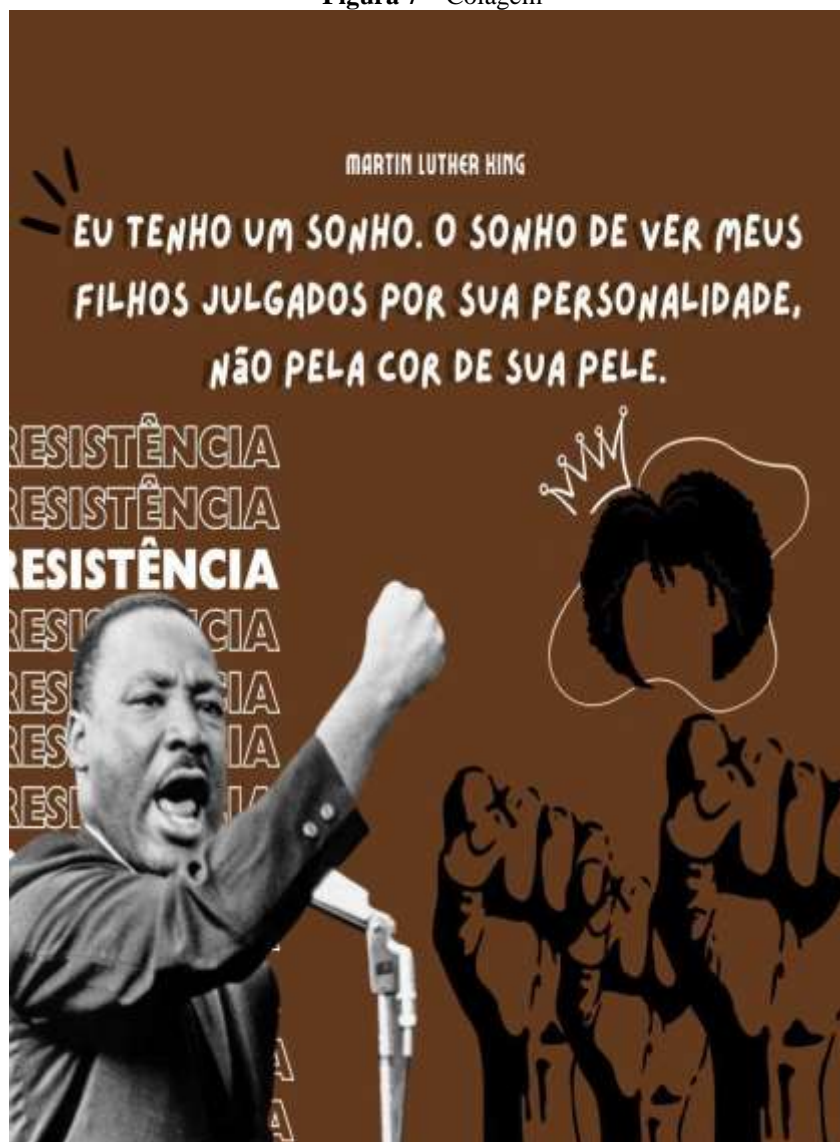
Fonte: Estudantes do ETE Lucilo Ávila, 2023

**Figura 6 – Colagem**



**Fonte:** Bianca Santos - 2º ensino médio, 2023

**Figura 7 – Colagem**



**Fonte:** Estudantes do ETE Lucilo Ávila, 2023

Os resultados que foram obtidos a partir das colagens, demonstrou que o trabalho realizado entre os estudantes da escola Lucilo Ávila, teve uma sala engajada com o debate em torno da temática trazida, com várias experiências em torno do racismo relatadas de quem já vivenciou ou presenciou no seu ciclo social, demonstrando uma sensibilização com a questão do racismo e a busca por conscientização para desconstrução da ideia de um país que vive uma democracia racial, gerando uma desnaturalização de discursos racistas e dando entendimento sobre experiências que foram racistas, mas caídas no esquecimento na qual o debate colocado pelo o tema do trabalho conseguiu reviver e reinterpretar essas vivências

## Conclusões

O trabalho realizado na Escola Técnica Lucilo Ávila Pessoa, foi de grande importância para toda comunidade escolar e outros setores da sociedade, debatendo temas importantes como raça, etnia e multiculturalismo, foi possível compreender como os estudantes enquanto indivíduos sociais e culturais, se identificam nos seus contextos de socialização e como enxergam o ambiente escolar no sentido de sentirem pertencidos aquele lugar, tendo suas histórias de vida respeitadas e levadas em consideração no preparo de uma aula como a pauta das relações étnico-raciais.

Por fim, outro ponto importante foi a possibilidade de ampliar as formas de aprendizagem e de como a docência pode utilizar o debate em sala de aula juntamente com ferramentas digitais para realizar aulas que ampliem a criatividade e a participação desses alunos em temas tão importantes, que muitas vezes são tratados de forma rasa, sem aprofundamento. Isso ocasiona uma defasagem desses estudantes em relação a temas como o racismo, que perpassam suas experiências em um país onde a luta contra as mazelas decorrentes da marginalização do negro tem sido árdua.

Trabalhos como o uso de colagens construídas por meio da conscientização racial fazem diferença na propagação da luta antirracista, uma vez que dialoga com as condições sociais em que as vítimas do racismo, como a juventude na periferia, se encontram, possibilitando meios democráticos e alternativos de manifestação, emancipação, resistência e expressão em torno da compreensão e reflexão sobre as discrepâncias raciais e problema do racismo.

## Referências

- ANGROSINO, M. V. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Lisboa, 1970.
- Ellis, Carolyn. **The Ethnographic I: A Methodological Novel About Autoethnography**. Walnut Creek: AltaMira Press, 2004
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. São Paulo: Editora Vozes, 1956.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

HORST, Heather; MILLER, Daniel. **Digital Anthropology**. London: Bloomsbury Academic, 2012.

MACHADO, Mônica. **A teoria da antropologia digital para as humanidades digitais**. REVISTA Z CULTURAL (UFRJ), v. 02, p. 20-35, 2018.

MACHADO, Mônica. **Antropologia Digital e experiências virtuais no Museu da Favela**. Curitiba: Appris, 2017.

Martins, L. R. **Colagem**: investigações em torno de uma técnica moderna. ARS (São Paulo), 5(10), 50-61, 2007.

MILLER, Daniel. **Stuff**. London: Polity Press, 2010.

MILLER, Daniel. **Tales from Facebook**. Cambridge: Polity, 2011.

MILLER et al. **How the world changed social media**. London: UCL Press, 2016.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, São Paulo, n.68, p. 46-57.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PETERS, Gabriel. **Da jaula de ferro à roda do hamster (1)**: notas de uma aula sobre Hartmut Rosa, aceleração social e sofrimento psíquico. Blog do Labemus, 2023. [Publicado 14 de fevereiro de 2023]. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2023/02/14/harmutrosaeaceleracaosocial/> Acesso em: 03 nov. 2024.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na Modernidade. Editora Unesp, 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SPYER, Juliano. **Bibliografia inicial para estudar o mundo digital antropológicamente**. (Bibliografia Comentada). In: Café História. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/antropologia-digital/>. ISSN: 2674-5917. Publicado em: 24 dez. 2018.

VARELLA, Helen; MACHADO, Mônica. **Etnografia digital da alimentação Viva**: uma abordagem metodológica no campo online e offline. ATHENEA DIGITAL, v.21, p.60-89, 2021.

SANTOS, S. M. A. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica**: atores, perspectivas e desafios. Plural - Revista de Ciências Sociais, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs.2017.113972. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 03 nov. 2024.

---

**Recebido em:** 11 de agosto de 2024

**Aceito em:** 2 de novembro de 2024

---